

AMOR E INFAMIA

PARIS MARCH 1960
GISELE BÜNDEN

REIS MONTENEGRO E
CLEMENTINO CARVALHAES

AMOR E DEFESA.

C. Nini-om signal di amisco

affiecent

Punka e Mantua

AMOR E INFAMIA

DRAMA BRASILEIRO

EM UM PROLOGO E TRES ACTOS

POR

José Candido dos Reis Montenegro

E

Carlos Clementino Carvalhães

OFFICIAES D'ARTILHERIA



Rio de Janeiro

TYPOGRAPHIA DE JOAQUIM LOBO VIANNA

79 Rua d'Ajuda 79

1872

ADVERTENCIA

Este drama não pôde ser representado sem prévia licença dos autores.

Aos senhores

Ezequiel José Gonçalves de Macedo
Olympio Tavares Bueno de Farias
Eduardo Augusto Ferreira de Almeida
Francisco Agostinho de Mello Souza Menezes
Vicente Amancio Cordeiro
Francisco Alberto Guillon
Francisco José de Carvalho
Joaquim Alves da Costa Mattos
José Pinto de Araujo Corrêa
Luiz Antonio Schmid Pereira da Cunha
José Pinto de Azevedo Coutinho

que tomárão parte na estrêa d'este drama, levado á scena
na noite de 13 de Janeiro de 1872, na escola militar,
pela sociedade dramatica particular União escholastica

O. D. C.

Os autores.

ADVERTENCIA

Este drama não pôde ser representado sem prévia licença dos autores.

Aos senhores

Ezequiel José Gonçalves de Macedo
Olympio Tavares Bueno de Farias
Eduardo Augusto Ferreira de Almeida
Francisco Agostinho de Mello Souza Menezes
Vicente Amancio Cordeiro
Francisco Alberto Guillon
Francisco José de Carvalho
Joaquim Alves da Costa Mattos
José Pinto de Araujo Corrêa
Luiz Antonio Schmid Pereira da Cunha
José Pinto de Azevedo Coutinho

que tomárão parte na estrêa d'este drama, levado á scena
na noite de 13 de Janeiro de 1872, na escola militar,
pela sociedade dramatica particular União escholastica

O. D. C.

Os autores.

Personagens

MAURICIO, negociante	45	anos
GENOVEVA, sua mulher.....	35	»
RACHEL, sua filha.....	16	»
EVANGELINA, orphã	17	»
LUIZ, official de cavallaria	25	»
ALFREDO, idem	25	»
JOAQUIM CAETANO, ex-negociante.....	50	»
CORONEL GALVÃO, militar.....	48	»
LOURENÇO, cabo do 50º de voluntarios.....	30	»
GONZAGA, soldado idem	24	»
FLORISBELLA, vivandeira	20	»
Um padeiro argentino	32	»

Officiaes, soldados, vivandeiras, etc.



Denominação dos actos

PROLOGO

A declaração e a partida.

1º ACTO

O combate e o crime.

2º ACTO

A luta do amor.

3º ACTO

O castigo do criminoso.

ÉPOCA

O prologo em 1864. O 1º acto em 1868
e os mais em 1869.

PROLOGO

O scenario representa uma sala modestamente mobiliada, tendo uma janella e uma porta no fundo e duas nas faces lateraes, sendo uma a de entrada para o gabinete de Mauricio. Ao levantar-se o panno estão Mauricio e J. Caetano, á esquerda baixa, assentados juntos de uma mesa, jogando a bisca. Rachel e Evangelina, á direita alta, trabalham n'um bastidor.

Scena I

MAURICIO, J. CAETANO, RACHEL, EVANGELINA
E DEPOIS GENOVEVA.

MAURICIO.

Aguente-se no balanço, senhor Caetano, que assentei de pedra e cal ralar-lhe o sete.

J. CAETANO.

É o que resta ver, meu caro senhor.

MAURICIO.

Pois olhe, meu amigo, previno-lhe que aperte os seus cordões, por que lá vou de fóz em fóra atraz do seu sete.

J. CAETANO.

Lá vai elle! Pegue-o, se é capaz!

EVANGELINA.

Então, não achas, Rachel, que este passarinho sobre esta nuvem côr de rosa é de um effeito surprehendente?

RACHEL.

Sim; porém eu preferia que a nuvem fosse azul. É mais natural.

MAURICIO.

Ora seja pelo amor de Deus, senhor Caetano, bem sabe o senhor que atraz do fumo vem o fogo; a final filei-lhe o sete!

J. CAETANO.

(Largando o jogo e levantando-se.) Estou queimado, e não posso mais jogar d'esta maneira! O senhor tem uns modos de flautear, que faz uma pessoa subir ás nuvens!

RACHEL.

Não se zangue, senhor Caetano, nós sabemos que o senhor é um grande jogador da bisca.

MAURICIO.

Sim!... perdendo sempre...

J. CAETANO.

Quando estou queimado apenas.

EVANGELINA.

Custa pouco, senhor Caetano, não se queime.

J. CAETANO.

Não me queime! E posso fazê-lo com semelhante parceiro?

GENOVEVA.

(Entrando com uma carta na mão que entrega a Mauricio.) Mauricio, aqui tens uma carta do tenente Alfredo, despedindo-se.

RACHEL.

(Admirada.) Despedindo-se!

GENOVEVA.

Segue com o regimento para o Paraguay.

RACHEL.

Para a guerra, meu Deos!

MAURICIO.

Defender a honra nacional ultrajada é uma acção digna do tenente Alfredo. Moço, bravo e destemido ha de vir de lá pelo menos coronel.

J. CAETANO.

Sim... se não morrer...

EVANGELINA.

E não vêm despedir-se pessoalmente!

MAURICIO.

(Depois de ter lido a carta.) Diz que talvez não tenha tempo. O regimento embarca amanhã. Vou responder-lhe. *(Sahe.)*

Scena II

OS MESMOS MENOS MAURICIO.

RACHEL.

(Para Evangelina.) Que ingratião!

EVANGELINA.

Elle ha de vir: espera.

GENOVEVA.

Se eu tivesse filhos não consentiria que elles assentassem praça.

J. CAETANO.

Se o senhor Alfredo segue para o Paraguay é natural que vá tambem o senhor Luiz.

GENOVEVA.

Diz o senhor Alfredo em sua carta, que o tenente Luiz déra parte de doente; porém que não fôra aceita.

J. CAETANO.

(A'parte.) Tem medo, não tem duvida.

RACHEL.

Por que o senhor Alfredo não dá tambem parte de doente? Ir para a guerra é tão perigoso...

J. CAETANO.

Ora, minha senhora, onde está o homem, está o perigo.

EVANGELINA.

E o senhor Caetano, por que razão não vai como voluntario da patria?

J. CAETANO.

Pois V. Exa. queria ver um voluntario com a minha idade, com as pernas trôpegas, e que só serviria de isca para aquelles barbaros?

GENOVEVA.

Fraquezas proprias da velhice, senhor Caetano.

J. CAETANO.

(*Para Geneveva.*) E o que pensa V. Exa. do meu passado? Fui um rapaz que levei sempre de vencida aos meus companheiros: quer em uma polka, quer em uma walsa, até mesmo no kam-kam fui um grande!

EVANGELINA.

Acredito; porém fazendo sempre fiasco.

J. CAETANO.

O que é que diz, minha senhora? Em firmeza de pernas nunca cedi um palmo a ninguém.

GENOVEVA.

Não sei por que me diz o coração que esta guerra vai ser-nos muito fatal.

Scena III

OS MESMOS E MAURICIO.

MAURICIO.

(*Entrando.*) Acabo de saber que o regimento embarcará amanhã ás quatro horas da tarde; á vista d'isto mandei convidar Alfredo e Luiz para ceiaem connosco.

RACHEL.

(*A' parte.*) Que felicidade!

J. CAETANO.

(*A' parte.*) Se eu fosse elles dispensaria de bom grado a ceia, por que não teria vontade de comer.

MAURICIO.

Quero portanto que se faça aos rapazes uma recepção digna de dous defensores da patria.

J. CAETANO.

(*Pegando no chapéo para sahir.*) Meu caro senhor Mauricio, sinto muito deixal-os tão cedo. Conheço um velho capitão do regimento, e, á vista da noticia que acaba de dar-me, vou vê-lo e fazer-lhe as minhas despedidas, caso queira elle dar com o costado nas brenhas do Paraguay. Até logo.

GENOVEVA.

Nós o esperamos, senhor Caetano.

J. CAETANO.

Obrigado, minha senhora. (*Sahe.*)

Scena IV

OS MESMOS MENOS CAETANO.

MAURICIO.

São cinco horas; até ás sete devem estar aqui os nossos amigos. Encarrego-lhes de recebêl-os em quanto eu vou preparar-lhes uma surpresa. (*Sahe.*)

GENOVEVA.

Deixa-me tambem dar algumas ordens. (*Sahe.*)

Scena V

OS MESMOS MENOS MAURICIO E GENOVEVA.

RACHEL.

Alfredo!... Evangelina, Alfredo ir para a guerra! Oh! eu morro de susto!

EVANGELINA.

Elle ha de ser feliz. Póde voltar condecorado, coronel, com o nome de bravo... Não queres que elle seja feliz?

RACHEL.

Mas os combates! Póde ser ferido, quebrar uma perna, cahir prisioneiro... (*Pesarosa.*) Oh! meu Deos! eu morro!

EVANGELINA.

Socega, Rachel; talvez esta campanha seja a felicidade do senhor Alfredo.

RACHEL.

Como sinto agora bater-me o coração por elle! Parece-me que vou perdêl-o para sempre! (*Ouve-se passos fóra. Rachel e Evangelina correm ao fundo. Alfredo apparece á porta, fardado de tenente de cavallaria e sem espada.*)

Scena VI

AS MESMAS E ALFREDO.

ALFREDO.

(Recebendo com affago as mãos de Rachel.) Triste, muito triste vai ser esta noite para mim, querida Rachel; a hora de nossa separação vai soar! Este doloroso momento é solemne; e eu venho dizer-te como sempre: amo-te!

EVANGELINA.

(A'parte.) Não quero ser indiscreta. *(Sahe.)*

Scena VII

OS MESMOS, MENOS EVANGELINA.

RACHEL.

Alfredo, fica, não vás; eu te peço.

ALFREDO.

Ficar! quando todos correm pressurosos ás armas, bradando vingança! Ficar! quando paisanos fazem-se soldados! Ficar! eu, militar ambicioso e zeloso de minha dignidade! Não, Rachel, ficar é impossível: A patria, o dever e a honra mandão marchar.

RACHEL.

E a tua Rachel que tanto te ama?

ALFREDO.

Serás o premio dos meus sacrificios. Depois da campanha virei depôr a teus pés um nome digno de ti. Serás esposa de um soldado valente e não de um cobarde.

RACHEL.

Oh! eu sei que não resistirei a tantos sobresaltos! A idéa dos perigos que vás affrontar será bastante para matar-me! Não, Alfredo, não deves marchar. Não pensas nos meus soffrimentos?

ALFREDO.

Talvez os teus soffrimentos não sejam iguaes aos meus, querida Rachel: apenas sentes a dôr de nossa separação, e o doce sentimento da saudade, que a ausencia traz; porém eu, o que não sinto n'este momento! Primeiro: a luta terrivel que travou-se em meu espirito, que não sabe se deve attender ao teu amor, aos teus encantos, ás tuas graças, ou se ao reclamo da patria. Indecisão horrivel que só a dignidade e honra do soldado podem desfazer! Depois... deixar-te bella e encantadora, entregue a esta sociedade corrupta e cheia de seducções! Oh! não sabes, Rachel, como a idéa de vêr-te arrastada no turbilhão d'esse mundo infame me acabrunha! Talvez seja um crime o presentimento que me devora; porém elle existe e me tem abrumado n'um pelago de torturas.

RACHEL.

Oh! não, nunca, Alfredo! Nunca amarei a outro senão a ti. Eu juro-te, pelo amor puro e sagrado que te dedico, que serei tua até á morte!

ALFREDO.

Obrigado, anjo de bondade, obrigado! Além d'esta, ainda quero levar outra consolação.

RACHEL.

Falla...

ALFREDO.

Quero pedir-te em casamento a teu pai e espero...

RACHEL.

(Interrompendo-o com alegria.) Sim! sim! Eu te agradeço também.

ALFREDO.

Leva-me já ao seu gabinete; quero fallar-lhe sem demora. *(Sahe pela esquerda.)*

Scena VIII

LUIZ *(só)*.

Fardado, como Alfredo, entra pallido e triste; examina com a vista a sala e, certificando-se que está só, desce á

bocca da scena.) É aqui! É este o sanctuario sagrado d'essa mulher magica que, além do coração, roubou-me a dignidade! Rachel! mulher ingrata e insensível! Eu, que nunca recuei diante do perigo, que nunca commetti uma acção indigna, hoje tenho medo e acobardo-me só com a idéa de perdê-la! Quando todos, possuidos de entusiasmo, empunhão as armas para defender a honra da patria offendida, dou parte falsa de doente, e passo pela vergonha de ser considerado cobarde e a minha parte repellida! E por que? para não separar-me d'essa ingrata, que nem ao menos percebe o meu amor! Mulher insensível, que não sabe lêr nos meus olhos, no desalinho de minhas idéas, nas minhas feições desfiguradas, no balbuciar de minhas palavras, este amor louco, esta paixão desvairada, que me arrasta á sepultura! *(Pausa.)* E hei de deixal-a sem ao menos ouvir uma palavra de esperança de seus labios?... Não! vou declarar-lhe tudo que sinto... É necessario pôr termo á incerteza em que vivo... Esperança ou desengano, eu o quero!... *(Vai sair pela esquerda e volta.)* Oh! o acaso coadjuva-me; eil-a.

Scena IX

O MESMO E RACHEL.

RACHEL.

(Contrariada.) Oh! o senhor tenente Luiz...

LUIZ.

(Cumpriméntando.) Minha senhora...

RACHEL.

O senhor Alfredo foi mais pontual: ha mais de meia hora que faz companhia a papai no gabinete. *(Indicando-lhe a porta do gabinete.)* Não quer entrar?

LUIZ.

(A'parte.) Quer fugir-me... *(Alto.)* Não desejo perturbal-os, minha senhora; eu os esperarei aqui.

RACHEL.

Então, quer ficar só?...

LUIZ.

Não; com V. Exa. alguns instantes.

RACHEL.

(Indecisa.) Comigo? Como?

LUIZ.

(Aproximando-se.) Sim, D. Rachel, na vespera de minha partida para o theatro da morte, não me negará V. Exa. este prazer.

RACHEL.

Porém... não sei se...

LUIZ.

Tenho necessidade de fallar-lhe. Peço-lhe que me ouça.

RACHEL.

Assusta-me, senhor Luiz!

LUIZ.

Ha dous annos, minha senhora, que tenho a honra de conhecê-la. Desde o primeiro dia em que a vi sinto-me outro homem! Amanhã parto. Vou para bem longe! Comprehende, V. Exa., esse desespero mudo, esse ancian afflicto do coração que supplica para ficar, em quanto a razão está constantemente a bradar que siga? Longe!... n'essa região inhospita, onde, atravez de um porvir escuro, eu distinguirei apenas um rasto da estrella que, em tantas noites de febre, sonhei fulgurando sempre em torno de mim, não avalia, V. Exa., toda a sede de luz que hei de sentir?... Essa ancian dolorosa do homem que tem os labios seccos, sedentos de amor e de ventura?

RACHEL.

Senhor Luiz, não o comprehendo. O senhor falla uma linguagem inteiramente desconhecida para mim. Repito-lhe: não o comprehendo.

LUIZ.

Diz bem, minha senhora. Que importa á muralha de cantaria que a vaga venha raivosa quebrar-se impotente de encontro a ella? A vida é o labutar incessante entre

a duvida e a esperança. Aquelle que recebe a felicidade de chofre, soffre o mesmo deslumbramento do cego que recupera a vista; aquelle porém que, sedento de fé, arrasta-se ancioso para o seu — Golgotha — só sente chegar-lhe o conforto n'alma, quando, abraçado á cruz do martyrio, cahe e supplica de joelhos!... (*Mudando de tom.*) Sim, minha senhora, eu tambem amo-lhe.

RACHEL.

Oh! senhor Luiz, realmente, admira-me que, sendo eu uma pobre moça sem aspirações, pudesse provocar uma exaltação tão vehemente em seu espirito! Creia, não mereço as palavras lisongeiras que me dirige. Estou distante da idéa que faz de mim.

LUIZ.

Minha senhora, julga que eu não a comprehendo? Que não a tenho estudado? Procurado investigar em seus menores movimentos os desejos que sente para vêr realizada a sua suprema felicidade sobre a terra? Como se illude! Quantas e quantas vezes o forasteiro, á margem de um rio, absorto em contemplal-o, vendo sua superficie calma e serena, não imagina o encontro das aguas que fervem lá por baixo! V. Exa. vê-me superficialmente! Completa em mim o esboço vulgar de um typo sem fundo! O homem não é sómente o que apparentemente mostra: um problema sem solução, uma cabeça sem idéas, uma flôr sem perfume!

RACHEL.

Não posso, senhor Luiz, corresponder aos seus exaltados sentimentos. Amo a outro. Sou noiva de Alfredo.

LUIZ.

De Alfredo!!... Noiva! Ah! agora comprehendo a causa de sua indifferença! Ama a outro? Ama Alfredo? Preferio aquelle coração, calmo e tranquillo, ao meu, impetuoso e febril! Bem, minha senhora: eu lhe asseguro que os sentimentos de meu coração nunca se extinguirão. A guerra ahi está. Em qualquer tempo, a sorte mudando, achar-me-hei como hoje a vossos pés, dizendo: amo-vos. Se por vossa causa eu temia a guerra, hoje por vossa causa eu a quero, eu a desejo ardente-

RACHEL.

Meu Deos, por que?!

LUIZ.

Os combates, minha senhora, as balas vão decidir da minha sorte e da de Alfredo.

RACHEL.

É uma crueldade, senhor Luiz, o desejo que tem de vêr a guerra realizar-se, para com os seus resultados aspirar a um triumpho a que não tem direito algum. Vou fallar-lhe com franqueza, dizer-lhe a impressão que me causaram as suas palavras: estimo-o como um moço que soube angariar a consideração e estima de meus pais, por ter, até hoje, desenvolvido uma norma de proceder, digna por todos os principios; estimo-o tambem por que é amigo de Alfredo, a quem amo e de quem espero ser esposa.

LUIZ.

Ah! então V. Exa. me diz abertamente que nada devo esperar, que devo atirar o coração á lama para servir de pedestal aos amores de Alfredo e de V. Exa.? Nunca o farei, minha senhora. Amar-vos-hei sempre, por que esquecê-la já é um impossivel. As minhas resoluções são como o ferro: resistir ou quebrar! Concebi o desejo impetuoso de possuil-a: hei de portanto consummar os meus fins a todo o transe.

RACHEL.

Basta; senhor; é de mais! Semelhante á sensitiva dos campos, que ao contacto de um objecto estranho se retrahê, eu, como ella, sinto que o meu ser todo se contrahê ao ouvir as suas palavras. Até agora estimava-o, senhor Luiz, considerava-o; hoje, porém, convengo-me que o senhor é uma serpente, que, abusando da fragilidade de sua victima, procura mordê-la. Vejo-o, atravez de um prisma diaphano, tal qual devia ser. Detesto-o! A sua presença desperta-me nojo! Retiro-me. (*Sahe.*)

Scena X

LUIZ (*só*).

Vai! vai, louca e vaidosa! Segue o teu caminho sempre firme e crente no futuro! Eu sou a torrente que se

despenhando de longe, indomita, rapida, ha de seguir o seu destino! Para mim não haverão obstaculos: superal-os-hei todos! Has de ser minha, por Deos o juro!

Scena XI

O MESMO E J. CAETANO.

J. CAETANO.

Com sua licença, eminentissimo senhor, com sua licença.

LUIZ.

Oh! o senhor Joaquim Caetano!

J. CAETANO.

É verdade, todo inteiro. Eu sou um velho como ha poucos: não pertengo á cafila dos antigos pés de boi, por que tenho as pernas leves como páo de cedro; mas, quando dou grandes caminhadas, fico com os tornozelos dormentes, como se levassem uma sova de páo; não obstante, estou forte e desafio a qualquer equilibrista em gymnastica.

LUIZ.

Ah! provavelmente o senhor Caetano joga divinamente a capoeira, e maneja soffrivelmente o páo.

J. CAETANO.

Menos isso, meu amiguinho, menos isso. Os capoeiras pertencem a uma seita detestavel: symbolisao faca na mão e pistola no bolso. Pelo amor de Deos, senhor Luiz, não me falle n'essa corja!...

Pudesse um tubarão
Com mil dentadas!!

(Atrapalhado.) Desculpe, senhor Luiz, desculpe... Eu já fui um grande apologista do parnaso!... e ao sorver muitas vezes uma pitada compunha um madrigal, e, creia, fui um acerrimo diletante do nosso Garcia; mas emfim o pobre homem morreu, e eu não gosto de fallar d'aquelles que não pertencem cá ao orbe terraqueo. Não sei se me faço comprehender perfeitamente.

LUIZ.

Oh! pois não; perfeitissimamente! Estou furiosamente insipido; deleite-me um pouco.

J. CAETANO.

Pois como lhe dizia: não gosto de certas emprezas que se tem introduzido ultimamente na capital. Eu sou tal qual me vê: me é indifferente beber café com assucar refinado ou mascavo.

LUIZ.

Mas aposto que gosta de bebê-lo transparente, isto é, sem argueiro que impossibilite a glotição.

J. CAETANO.

Muito transparente, não; por que está-me parecendo que estou sorvendo uns longes de café, mas... como lhe dizia... ah! é verdade, não sei se o senhor me entra bem no sentido.

LUIZ.

Oh! pois não; continue, comprehendo-o muito bem.

J. CAETANO.

Pois; meu senhorzinho, eu cá sou um republicano ás direitas. Não entendo de meias medidas. Quando tenho alguma cousa a fazer-me cocegas na lingua, fallo como um possessor, como quem não tem nada a perder; ataco a questão de face, sem preambulo ou discurso preparatorio. Francamente, senhor Luiz, tenho notado uma frieza n'esta guerra, que não condiz nada com os instinctos bellicosos dos descendentes de Henrique Dias e Camarão! Não posso assistir sem murmurar á frieza d'essa gente! Carneiros, senhor Luiz, verdadeiros carneiros...

LUIZ.

E por que não os anima com seus exemplos? Faça-se voluntario e marchemos, senhor Caetano: combateremos juntos.

J. CAETANO.

Ora essa é boa! Então o senhor julga-me nas suas condições? Ora, pistolas! Eu, velho, decrepito, inutilizado pela idade, que figura irei fazer junto ao senhor,

forte, robusto e cheio de esperanças?... Decididamente o senhor Luiz quer cassoar comigo! Meu amiguinho, a patria está cheia de peraltas que podem sem prejuizo empunhar as armas. Eu, que não estou nas condições d'elles, estaciono meu quartel na capital e contribuo com a minha boa vontade, empurrando grandes levas de voluntarios... Creio que isto é mais razoavel, não acha?

LUIZ.

Mais prudente, creio.

J. CAETANO.

Prudente ou razoavel, como quizer: o caso é que já não posso servir para soldado.

Scena XII

OS MESMOS, MAURICIO, ALFREDO, GENOVEVA,
RACHEL E EVANGELINA.

MAURICIO.

Alegro-me sobre maneira enconral-os aqui. Não poderia resistir ao desejo que sinto de manifestar aos meus amigos, os senhores Alfredo e Luiz, o pezar que nos causão com as suas inopinadas separações. Tinha-os convidado de proposito, não só para termos ainda o prazer de gozarmos de suas companhias, como tambem para fazer-lhes uma surpresa.

ALFREDO E LUIZ.

Uma surpresa?!

MAURICIO.

Surpresa em parte, por que o senhor Alfredo, anticipando-se, surpreendeu-me justamente com aquillo que eu pretendia sorprendê-lo.

J. CAETANO.

Então, é uma coincidência...

MAURICIO.

Tambem não; foi a comprehensão de duas alma nobres.

J. CAETANO.

(*A'parte.*) Estou na mesma.

MAURICIO.

Convencido do amor que mutuamente consagrão-se Alfredo e Rachel, e sciente de seus desejos, ia fallar-lhe sobre sua pretensão, quando hoje o senhor Alfredo sollicitou a mão de minha filha, o que tenho a honra de communicar-vos.

J. CAETANO.

Anh!.. agora sim!.. Eu já o previa...

ALFREDO.

Aproveitando o ensejo, eu beijo agradecido as mãos do senhor Mauricio, protestando-lhe a minha eterna gratidão.

LUIZ.

(*A'parte.*) D'aqui até lá, a sorte póde mudar.

J. CAETANO.

Esta é a surpresa do senhor Alfredo; qual é a do senhor Luiz? (*Olha para Evangelina.*)

LUIZ.

Para mim, o senhor Mauricio, não podia preparar uma surpresa d'essa ordem, por que conhece tambem as minhas intenções. Felicito o meu amigo Alfredo pela honra que acaba de alcançar, e á Exma. senhora D. Rachel por ter realizado os seus desejos.

RACHEL.

Obrigada. (*A'parte.*) Como é falso este homem, meu Deos!

ALFREDO.

(*Aperlando a mão de Luiz.*) Agradeço-te sinceramente, amigo.

GENOVEVA.

E eu recommendo a ambos que tenham muito juizo, e que não se atirem aos perigos como loucos.

J. CAETANO.

Que sejam felizes e voltem generaes.

MAURICIO.

(*Abraçando Luiz e Alfredo.*) O dever de todo Brasileiro é o sacrificio de tudo pela patria! Assim, aquelle que cheio de evangelica abnegação, dá a ultima gota de seu sangue, em defeza da nação ultrajada, póde, radiante de orgulho e placido de consciencia, esperar a admiração dos mãos, e a recompensa dos justos!

(*Cahe o panno.*)

FIM DO PROLOGO.

ACTO PRIMEIRO

O scenario representa um acampamento no fundo. A' esquerda alta terà uma grande barraca armada sòmente metade, tendo a outra suspensa, deixando vêr todo o interior.

Ao levantar-se o panno ouve-se o final de um toque de corneta e tiros destacados de fuzilaria. Deve vêr-se por entre as barracas, officiaes, soldados, vivandeiras, etc. O coronel Galvão, de espada e revolver á cinta, calçado de botas e esporas, assentado em um mocho junto de uma mesa de campanha, tendo defronte de si Alfredo, em pé, e armado da mesma maneira e com divisas de major.

Scena I

CORONEL GALVÃO E ALFREDO.

CORONEL.

Que novidades ?

ALFREDO.

Foi uma pequena escaramuça, meu coronel: dez homens fóra de combate.

CORONEL.

Dez homens fóra de combate?!

ALFREDO.

Em compensação matámos seguramente trinta, fizemos vinte prisioneiros e tomámos alguns cavallos.

CORONEL.

(*Levantando-se.*) Pelas armas! Foi uma completa derrota! Continua.

ALFREDO.

Quando V. S. avançava com a brigada pela esquerda, margeando a lagôa Pires...

CORONEL.

(*Interrompendo-o.*) Tu contornavas o inimigo pela direita, junto ao acampamento argentino.

ALFREDO.

Sim, senhor. N'essa occasião a cavallaria, collocada no centro, carregou vigorosamente sobre a columna inimiga, que bateu em retirada, completamente destrogada.

CORONEL.

E chamas a isso uma pequena escaramuça? Digo-te que foi uma grande victoria, e que foste o heroe do dia. Conheço que, além de bravo, és modesto. Hei de levar os teus serviços ao conhecimento do general.

ALFREDO.

Perdão, coronel; tenho apenas cumprido com os meus deveres.

CORONEL.

De uma maneira satisfactoria. Não és como esse Luiz, que procura todos os meios de fugir dos combates; e por isso está ainda capitão, quando tu já és major, e muito breve serás promovido a tenente-coronel por actos de bravura.

ALFREDO.

Luiz tem talvez o instincto menos bellicoso que eu, que ambiciono ardentemente as glorias militares; com tudo, V. S. ha de convir que tem elle, até hoje, procedido com dignidade.

CORONEL.

Não presta para nada, cá na minha opinião.

ALFREDO.

Não obstante, é vosso ajudante d'ordens.

CORONEL.

Por me teres pedido: sem o que, não o queria nem para meu ordenança.

ALFREDO.

Coronel, agradeço-lhe de coração a consideração que se digna conceder-me. Espero vêr brevemente Luiz, rehabilitado no conceito de V. S.

CORONEL.

Em quatro annos e meio de campanha ainda não achou elle uma occasião de distinguir-se, de mostrar-se digno de uma promoção por actos de bravura?

ALFREDO.

O que quer? nem todos tem a mesma estrella.

CORONEL.

(Prestando attenção aos tiros de fuzilaria que amindão-se.) Parece-me que temos novidade nas avançadas. *(A Alfredo.)* Monte a cavallo e vá vêr o que ha. *(Alfredo sake.)*

Scena II

CORONEL *(só)*.

Official bravo, destemido e honrado, merece tudo. Se estivesse em minha alçada já lhe teria pregado as divisas de coronel.

Scena III

O MESMO E FLORISBELLA *(que apparece no fundo)*.

CORONEL.

(A parte.) O que quererá aquella parasita?

FLORISBELLA.

Venho merecer um favor de V. S.

CORONEL.

Um favor! Diga lá; vamos vê-lo.

FLORISBELLA.

O capitão de minha companhia...

CORONEL.

De tua companhia?...

FLORISBELLA.

Da companhia de meu marido, senhor coronel.

CORONEL.

Ah! és casada?

FLORISBELLA.

Pois então! nós todas somos casadas! O capitão dá-me roupa para lavar, e quer que eu mesmo vá levar-lh'a em sua barraca; ora, como o tolo de meu marido não consente, com ciumes, elle despeitado, senhor coronel, vai se não quando, ataca o meu pobresinho na guarda!

CORONEL.

Oh! que bom capitão! gosta de ser servido por criadas! Que bregeiro!

FLORISBELLA.

Ora, meu coronel, como eu não tenho de quem me valer, senão V. S., venho pedir-lhe para mandar soltal-o. O coitado está tão triste! Hoje não quiz almoçar, nem jantar! Sim, senhor, meu coronel, está de metter pena, e além de tudo, quando está preso, grita, berra e quer por força que eu esteja fazendo-lhe companhia na prisão. Por isso, espero que V. S. fará á sua criadinha, morta e viva, a graça de mandar soltal-o.

CORONEL.

Rapariga, me contas tal embrulhada que estou vendo haver os seus prós e contras. Aposto que o tal teu marido praticou alguma insubordinação com o capitão.

FLORISBELLA.

Por esta ponho as mãos no fogo, meu coronel. Meu marido é um santinho, que não faz mal a ninguém; nem a um mosquito, nem a uma mosca.

CORONEL.

Estou inteirado. Todas vocês desculpão bem a si e aos seus.

FLORISBELLA.

Meu coronel, affianço-lhe que sou mulher que não sabe mentir. V. S. ignora o que se passa nas companhias, e por esse motivo não me quer dar razão. Fique V. S. sabendo que tudo mais anda n'esse correr.

CORONEL.

Está bem, está bem. Vou indagar do facto, e se não pesar culpa sobre teu marido mandarei soltal-o.

FLORISBELLA.

Muito obrigada, meu coronel. Quando V. S. precisar de mim — Florisbella — vivandeira do 29 de voluntarios, póde mandar, que encontrará uma criada sempre prompta. Ás ordens. *(Faz uma continencia ao coronel, dá meia volta e sahe cantando.)*

Oh! que vida que passa na guerra,
Quem não ouve o rufar do tambor;
Quem não canta na força da guerra,
Ai, amor! ai, amor! ai, amor!

Scena IV

CORONEL.

Se eu fosse o general em chefe do exercito acabaria com esta casta de soldados. Só serve para promover desordens no acampamento e incommodar as autoridades.

PADEIRO.

(Atravessando pelo fundo.) Lá se vae el panadero... Já se acaba el pan... Já me voy... Já me voy... Pan caliente... pan caliente.

Scena V

O MESMO E LUIZ.

LUIZ.

(Aproximando-se do coronel e entregando-lhe um officio.) Da repartição do deputado do ajudante general.

CORONEL.

(Abre o officio e lê em voz alta.) Tendo S. Ex. o seu general commandante em chefe, concedido quatro mezes de licença, para ir ao Brazil, ao major assistente da brigada do commando de V. S. Alfredo Magno de Oliveira, envio-lhe o respectivo passe, para na primeira

oportunidade, o referido major embarcar, como requereu. Deos guarde a V. S.

LUIZ.

(*A'parte.*) Infernos! Não ha de embarcar!

CORONEL.

Que boa noticia para Alfredo, Vou encontral-o para dar-lh'a. (*Vai a sahir.*)

LUIZ.

Devo acompanhal-o?

CORONEL.

(*Friamente.*) Não preciso; póde ficar. (*Sahe.*)

Scena IV

LUIZ (só).

Sempre estes modos grosseiros! Sempre a humilhação e o desprezo de todos! menos d'esse homem a quem odio! d'esse Alfredo, a quem desejaria vêr morto! Crivado de balas! Esse rival magnanimo e generoso, que só procura proteger-me, levantar-me da deshonra, a que eu imprudentemente arrastei-me! Oh! sim! desejaria vê-lo morto! (*Com resolução.*) E hei de vê-lo! Alfredo nunca mais pizará o solo brasileiro! Empregarei todos os meios para obstar á sna viagem; lançarei mão de todos os recursos possiveis! Agora atirei-me desabrido nos vai-vens da luta! Hei de lutar! lutar como o leão ferido que disputa palmo a palmo o terreno de seu covil! Vou longe para voltar a cabeça! Alfredo jamais pronunciará o nome de Rachel! Não! Haveis de ser minha! Ha quasi cinco annos que soffro por ti torturas do inferno! N'esse longo espaço de tempo, n'esse esperar infinito, tua imagem, acompanhando-me sempre; tem-me tornado um infame! E haveis de ser de outro? Oh! não! nunca! (*Pausa.*) Alfredo não embarcará para o Brazil. Elle ou eu, precisa morrer. Vou confessar-lhe a causa de meus soffrimentos; dizer-lhe que amo Rachel; que jurei que ella seria minha; propôr-lhe-hei um duello á espada, que elle recusará... Então!... (*Pegando no punhal.*) Far-me-hei tambem assassino!... e depois...

(*Com horror.*) desertor!... Porém no fim de tudo terei Rachel! (*Passeia sombrio.*)

Scena VII

O MESMO E ALFREDO.

ALFREDO.

Meu Luiz, procuro-te ha muito para dizer-te que estou em vespervas de viagem para o Brazil, e prompto para receber tuas ordens.

LUIZ.

(*Com frieza.*) Já o sabia antes de ti.

ALFREDO.

Sabias? Como não me dissestes?

LUIZ.

O coronel quiz mesmo ser o portador da noticia. Demonstra-te tanta afeição que julguei caber mais a elle que a mim o prazer de annunciar-te tamanha felicidade.

ALFREDO.

Bom velho! quanto lhe sou grato! Não fazes idéa, Luiz, como estou contente! Parece-me estar sonhando e ser uma mentira o haver eu obtido licença. Custa-me sobre maneira apartar-me d'elle e de ti. Dous amigos, que nos dedicação afeição sincera, symbolisão uma gota d'agua, que no deserto mata a sede á caravana. Parto ralado de emoções e de saudades. Desprendendo-me de ti e do coronel sinto como o cego um vazio no espaço e falta de apoio a que se arrime.

LUIZ.

Não obstante, é uma realidade a tua partida.

ALFREDO.

Realidade, sim; depois de quatro annos de ausencia e de insanos trabalhos regresso ao solo da patria para mitigar as saudades de um coração amante. Vou vêr Rachel! Rachel, o premio dos meus sacrificios e das minhas noites de vigalias! Vou depôr a seus pés o meu

nome laureado de glórias immarcessiveis! Oh! considere-me muito feliz! Os corações egoistas, gastos na depravação dos sentimentos baixos, não comprehendem a suprema felicidade que vou gozar; tu, porém, que és sincero e leal, não invejarás de certo ao teu amigo esse gôso, a que elle tinha juz a esperar.

LUIZ.

Antes, porém, de partires temos uma conta a ajustar; conta de honra e de morte, que é necessario resolvê-la.

ALFREDO.

(*Admirado.*) Estou estranhando-te, Luiz; o que tens?!

LUIZ.

O que tenho? Não sabes? É por que, enfrornado em teus projectos, em teus sonhos loucos, fruias a suprema ventura nos braços de Rachel, rindo-te do miserrimo Luiz, que estorcia-se na desesperação atroz, na luta renhida com a sua insufficiencia! Tu preludiavas a tua felicidade cheia de encantos, de seducções, esmagando triumphalmente o coração d'esse Luiz, que não pôde ser teu amigo! Propalas nossa amizade, pretendes talvez fazer commercio d'ella, fallas de sinceridade, de nobreza de coração; tu, o carrasco!... o algoz!... a montanha insuperavel que se interpôz no meu caminho! Olha bem para mim, Alfredo, eu sigo impellido por um tufão fatal! Hei de levar tudo de vencida! Affianço-te!

ALFREDO.

(*Surprendido.*) Por Deos, amigo, estas delirando!

LUIZ.

Zombas, miseravel! A zombaria é a arma dos fracos! Está traçado o nosso destino: essa mulher que tu pretendes desposar, eu tambem a quero! Arrastei a honra, a dignidade pela lama, tudo por ella! Avancei de mais para recuar! Rachel ha de ser minha!

ALFREDO.

(*Applicto.*) Luiz!

LUIZ.

És valente, jogador de espada, e eu sou um cobarde, como dizem. Não posso competir contigo; não deves receiar a morte. Batemo-nos.

ALFREDO.

Bater-me contigo! O meu companheiro de infancia e de armas! Bater-me contigo que te considero irmão! Não! nunca! Luiz!

LUIZ.

(*Rindo-se ironicamente.*) Já esperava esta evasiva, senhor major! Recusais bater-vos comigo?

ALFREDO.

Recuso. Além das razões que já te expuz, julgo que commetteria um crime, batendo-me contigo quando tenho certeza de matar-te.

LUIZ.

Dás-me, portanto, o direito de obrar como entender. Restão-vos vinte e quatro horas para partires. Encontrareis comigo antes. (*Salte arrebatadamente.*)

Scena VIII

ALFREDO (*só*).

(*Estupefacto.*) E esta? Quem tal diria? Agora comprehendendo a causa do proceder d'esse infeliz! E eu que tenho feito d'elle meu confidente!... que tenho-lhe mostrado todas as cartas de Rachel!... que tenho-lhe manifestado todos os meus projectos!... Luiz, meu rival!... Rival capaz de tudo!... É necessario cautella.

(*O tiroteio de fuzil recomeça forte, entremeiado por alguns tiros de canhão. Movimento geral no acampamento.*)

Scena IX

O MESMO, O CORONEL (*acompanhado de alguns officiaes e praças, entrão apressados.*)

CORONEL.

Parece-me que temos brinquedo. Os homens não cansão de apanhar! Que venhão, que ainda uma vez

conhecerão o valor do soldado brasileiro. *(Para Alfredo.)*
Senhor major, mande formar a brigada sem demora.
(Alfredo sahe.) (Voltando-se para os officiaes.) Espero,
senhores, que me acompanhareis até á ultima.

TODOS,

Morreremos comvosco, coronel!

CORONEL.

O Deos dos exercitos nos protegerá. *(O canhão heio
aviva-se. Perfeito combate. Ouve-se o toque de sentido.)*
É chegado o momento! Quem fôr brasileiro me siga!

TODOS.

(Desembainhando as espadas.) Viva o Brazil! *(Sahem
com o coronel na frente; ouve-se por algum tempo tiros
de artilharia e infantaria, toques de avançar, retirar,
atiradores, etc., etc. Alguns soldados atravessão a scena.
As vivandeiras correm assustadas.)*

Scena X

GONZAGA (só).

(Entrando espavorido.) Safa! De que me livre eu!
Que chuveiro grosso!... Quem quizer que petisque
d'aquelle assado... O filho de minha mãe nasceu gordo e
bem criado... O fogo está feio!... Sahe cinza que não é
brinquedo!... Decididamente não nasci com honras de
leitão espetado!... Quem quizer que se metta n'aquella
dansa! Irra! tenho as pernas em farrapos!... Vou-me
entrincheirar o melhor possível, e dar uma queixada de
cigarro, que andei hoje, todo o dia, aos trambulhões!...
*(Prepara um cigarro, e fica sempre com receios, olhando
para o lado d'onde se ouve a fuzilaria.)* Comigo não,
quaresma, que eu sou carnal!... Diabo de mania essa de
matar uns aos outros!... Quando vir-me livre d'essa
rascada, não me hei de metter n'outra... Que caldinho
estava á minha espera!... Nada!... eu abomino a polvo-
ra, diabo carregue quem a fabricou!... consuma-o as
caldeiras de Pedro Botelho!... Eu não posso ouvir esse

assobio damnado que vem pela esquerda zim! pela di-
reita zim! por baixo zim! por cima zim! Nada... nada!...

Fico todo arripiado
Quando vem ella cantando;
Olho, corro, e bem depressa
Vou uma moita buscando.

E se caminho amarrado
Atraz de algum paraguayo,
Grito ao soldado da frente;
—Seo cabo pare! eu desmaio!—

Nada! Não me hão de pilhar assim dos pés para
a mão.

Scena XI

O MESMO E LOURENÇO.

LOURENÇO.

Camarada, então o que faz vossê por cá?

GONZAGA.

Seo cabo... eu estava... eu estive... eu estaria... eu
estou fumando.

LOURENÇO.

Então, maroto, em lugar de estares ajudando aos teus
companheiros, estás mettido aqui!

GONZAGA.

Seo cabo... seo cabo... o senhor sabe o que é bala?

LOURENÇO.

Oh! patife! Pois ainda queres contar historias?

GONZAGA.

Não vamos logo ás do cabo, seo cabo! Seja homem
prudente... olhe... aquillo não é o pacão... lembre-se
bem.

LOURENÇO.

Irra! tratante! queres-me illudir! segue para o
combate!...

GONZAGA.

Quem é, seu cabo? Eu?!... seo cabo parece que não tem familia!

LOURENÇO.

Ora, já se vio igual macegueiro!... Camarada, faz meia volta e segue... Quando não, vou-te encostando a baioneta! Vamos!

GONZAGA.

Mas... mas... seo cabo, o senhor não tem juizo; pelo menos não mostra ter... note bem, seo cabo, mirimbão não é gaita... Aquillo não é marimba que preto toca... Veja lá... pense bem... depois diga que eu lhe enganei...

LOURENÇO.

Com cem granadas! Eu sempre disse que este diabo não dava para a festa! Não faz uma guarda, um plantão, que depois não fique preso. Já fez vergonha na noite de 24! Não tem que vêr! Um diabo d'estes só serve para dar massadas! Camarada, o capitão manda-te buscar, morto ou vivo, assado ou crú; portanto, vamos de uma vez, emquanto não perco a paciencia.

GONZAGA.

(*Sempre timorato.*) Mas... porém... seo cabo não é razoável!... Como é que deseja pôr-me nas mãos d'aquelles lobos?!... Olhe... quer saber uma cousa?... ouça-me: o senhor me deixa ficar aqui socegadoinho, que eu prometto dar-lhe a minha 2ª prestação. Esta dito?

LOURENÇO.

Deixemos de cantilena, meu velhaco! Para cá vens de carrinho... Ou segues agora mesmo, por tua vontade, ou arrasto-te a cachações! Escolhe lá... Eu não gosto de grandes ladainhas.

GONZAGA.

O senhor tem muita razão, seo cabo; oh! lá se tem!... mas, porém, eu também tenho!... Vou-lhe propôr outra pepineira: dou-lhe a 2ª prestação, e um rogado com vinte pés de mandioca, que tenho em Curytiba, quer? Olhe que é rogado lindo, de primeira plantação, terreno sem igual nas minhas bandas!...

LOURENÇO.

Basta, patife! Já estou farto com tuas historias... Agora irás á força. Pensas que me has de comprometter?... Agora o verás! (*Agarra em Gonzaga pela gola da farda e sahe arrastando-o.*)

GONZAGA.

Ora, quem mandou metter-me n'esta alhada de voluntarios!... Seo cabo, olhe que vamos cahir mesmo na bocca do lobo!... Cuidado!... Meu Deos! que calafrios vou sentindo!... D'esta quem me ha de salvar?! (*Sahem.*)

Scena XII

LUIZ (só).

(*A orchestra toca um tremulo em surdina; Luiz, extremamente pallido, com o semblante decomposto, sem espada, sem bonet, e um punhal na mão, entra completamente allucinado.*) Fogo!... Fogo por toda a parte!... O canhão vomita a morte!... de sua bocca vermelha sahe a sentença tremenda de cada um!... Sigamos!... sigamos sempre!... Parece que ha um iman irresistivel que me arrasta para o crime!... A luta ainda não me enfraqueceu! O sangue ferve-me nas veias como um ferro encandescente!... O conjunto da desordem, do embate das armas, produz em meu espirito um écho infernal!... Sigamos!... sigamos sempre!... (*Como que fallando a quem.*) Avança!... Avança, miseravel!... Vai arrostar a morte, que te abre seus braços macilentos! Nada de recuar!... Não vale a vida um gemido!... Vamos!... Avança!... Lá fóra os cadaveres boião esqualidos n'um oceano de sangue!... Os gemidos dos moribundos assemelhão-se á voz rouca da tempestade!... Vamos!... Todos são filhos da gloria!... Quem mais se ostentar, mais glorias lhe caberá!... Vamos!... O inimigo foge!... debanda-se espavorido!... Sigamos!... Sigamos sempre! Entrei na luta crente sempre na victoria... Hei de ganhar-a!... A imagem d'aquella mulher pregou-se ao meu espirito como os remorsos que perseguem a mente do assassino!... Hei de triumphante esmagar tudo!... hei de chegar ao meu destino!... Tenho vivido a esperar!... a esperar sempre! Agora, porém, o momento se

aproxima, e a hora da vingança vai soar! É necessário a todo transe a perpetuação d'esse crime!... Parece que todos obedecem á fatalidade! Aquelle que nasceu filho de assassino, ha de sê-lo tambem!... Premedito uma vingança atroz e que me ha de resultar a fôrca!... E não paro, e não detenho a mão da fatalidade que me impelle!... Hoje sou um perdido!... Um miseravel, sem honra, sem dignidade, sem affeições e sem amigos!... Amanhã o que serei? Um forçado a carregar perpetuamente a cadeia dos galés!... Um preciso a lutar incessantemente com sua sorte!... Ninguém me attenderá!... Quem apagará este volcão que me escalda a cabeça?!... Caminharei só!... Virão cuspir-me nas faces, chamar-me... assassino!... desertor!... tudo!... Repudiado!... desprezado por todos, onde irei encontrar um canto de terra para morrer?!... para depôr a cruz que vai pezar-me sobre os hombros?!... Parece-me vêr atravez do gume d'este punhal gotas de sangue!... de sangue derramado por mim!... (*Ergue o punhal e olha-o fixamente.*) por mim, assassino!... assassino de quem me queria tanto!!! De quem me levantava do pó, quando extenuado tombava por terra!!... Alfredo! foge! O meu braço vai sob a pressão da fatalidade!... (*Olhando para o punhal erguido.*) Sangue!... Sangue! (*Deixa o braço cahir e fica como que prostrado. Ouve-se passos no fundo; voltando a si.*) Ah!... (*Dirige-se para o fundo e observa.*) Lá vem um official morto ou ferido!... (*Voltando-se com espanto.*) É Alfredo!!... (*Esconde-se por detraz de uma barraca.*)

Scena XIII

ALFREDO, ferido, coberto de sangue, entra carregado por quatro praças; estas deixão-no no chão junto da barraca grande e sahem. Luiz logo que as praças sahem apparece.)

LUIZ.
(*Aproxima-se de Alfredo, ajoelha-se e apalpa-o.*) Mortalmente ferido!... (*Tira da algibeira um papel e um retrato.*) O retrato de Rachel!... Oh! serás minha! (*Abre o papel e examina-o com espanto.*) O passe!... (*Levanta-se.*) Fica, misero cadaver, que eu vou em

busca da felicidade! (*Vai a sahir e volta-se, mostrando desespero.*) E dinheiro? Eu não o tenho, e preciso. (*Chega-se a Alfredo, volta com o barulho que fazem os soldados conduzindo o coronel ferido, coberto de sangue.*) Luiz esconde-se, os soldados trazem o coronel, põe-no dentro da barraca e sahem. Luiz apparece.)

Scena XIV

LUIZ, desvairado; Alfredo no mesmo lugar, inanimado; o coronel deitado, fazendo movimentos lentos.)

CORONEL.

(*Com voz sumida.*) Vi ..va...a...glo...ria.

LUIZ.

(*Aproximando-se do coronel.*) Coronel, sentis-vos doente?

CORONEL.

Mi...se...ra...vel!

LUIZ.

(*Ajoelha-se junto ao coronel, e tenta tirar-lhe a goyaca da cinta; o coronel resiste. Pega no punhal e crava-o no peito do coronel.*) Morre, Satanaz!... Preciso de dinheiro!... (*Tira a goyaca e deixa o punhal no peito do coronel.*)

CORONEL.

Ah! (*Tentando levantar-se.*) As...sa...si...no!

LUIZ.

(*Pallido, com os olhos desvairados e a goyaca na mão.*) Ouro! Depois do crime, a vergonha! Oh! fuja-mos! (*Sahe correndo.*)

(*O combate cessa de todo. Ouve-se o hymno nacional. Cahe o panno.*)

FIM DO PRIMEIRO ACTO

ACTO SEGUNDO

O scenario representa a mesma sala do prologo. Ao levantar o panno, está Rachel assentada junto de uma mesa, vestida de preto, extremamente pallida, limpando os olhos. Evangelina em pé, encostada na mesa, tem um jornal na mão.

Scena I

EVANGELINA E RACHEL

EVANGELINA.

Tem resignação, minha irmã. Quantas filhas chorão na miseria a morte de seus pais; quantas viúvas existem por ahi, carregadas de filhos e atiradas ao desamparo!... Perdeste o teu amante querido, restão-te teus pais que também te amão.

RACHEL.

Theoricamente é muito bonito isto: adormece o nosso espirito e nos faz conceber o impossivel; porém, quando a realidade nos vem despertar, achamos as consolações estereis, destituidas de fé, e o nosso espirito as repelle.

EVANGELINA.

Não te entregues á dôr d'esta maneira. Conformate com a vontade de Deos, que és christã. As grandes almas supportão, cheias de resignação, os males que a Providencia lhes envia. Devemos, insuffladas de verdadeira crença, consolarmo-nos com o presente e esperarmos no futuro. Resigna-te, portanto, e acredita que, como tua amiga, envidarei todos os meios para suavisar-te a existencia.

RACHEL.

Obrigada, minha amiga. Feliz aquella que, no auge de sua dôr, encontra em um coração amigo palavras de animação, como as que me dás; ellas são para mim como a saraiva da manhã, que reanima as flôres ressequidas do campo.

EVANGELINA.

Não sou egoista. Às vezes com receio de molestar-te occulto a narração dolorosa de minha vida. Tu sabes, sou orphã.

RACHEL.

Perdõa-me, Evangelina; embevecida nos meus pezares, esquecia-me que és orphã e que tens mais direito ás lagrimas do que eu.

EVANGELINA.

Sim: orphã recolhida a esta casa pelo cuidado de teu pai, a quem tanto devo. Um pai como o teu constitue a maior felicidade na terra. Que coração generoso e benevolente! A substituição de minha pobre tia por teu pai quasi que não deixou-me sentir a falta d'ella. Pobre tia, que tanto se desvelava por mim! (*Limpando os olhos.*)

RACHEL.

Estanca o teu pranto, minha amiga. Meu pai não recolheu uma desvalida atirada ao desamparo, presentou-me com a perola das amigas; trouxe-me um coração ingenuo para tornar em risos os momentos de lagrimas d'esta casa. Tu não és uma filha adoptiva, és um hesouro de valor inapreciavel.

EVANGELINA.

Agradeço-te de coração, minha querida Rachel. Necessitas de consolações, e não é minha intenção magoar-te com a narração dos meus infortunios; não posso, porém, furtar-me ao desejo que sinto de narrar-te a ultima phase da vida de minha tia. Moravamos em S. Christovão; minha tia padecia dos nervos, e os medicos aconselharão-lhe que fosse para S. Domingos, para que tomasse banhos do mar. Foi em Dezembro. Alugámos uma casinha na rua Fresca, frente a ponte das barcas. Todas as manhãs iamos á praia; a pobrezinha mal podia arrastar-se de tão fraca. Doia-me profundamente vêr a rapidez da molestia que a consumia. Muitas vezes, á tarde, nos nossos passeios recommendados pelo medico, com o fim de despertal-a do abatimento e tristeza em que jazia, ella olhava-me tristemente e dizia: Conheço que pouco posso durar, minha filha, e não ha nada que equivalha a magoa e o desespero immenso

que sinto, por vêr que ninguem te restará neste canto de terra. — Afaste semelhantes idéas, minha tia, tenho fé que ainda ha de passeiar comigo muitas vezes n'este lugar. Ella sacudia negativamente a cabeça, e duas lagrimas silenciosas ião humedecer o chão em que nos achavamos assentadas. Os nossos passeios prolongarão-se por algum tempo. Despertou-se em mim a avidez, cada vez mais crescente, de sopitar a tristeza e prostração que a levava velozmente para a sepultura. Em mim, a missão de leval-a todas as tardes aos passeios á beira-mar, tornou-se uma especie de frenezi. Via constantemente a marcha da molestia tranzida de medo. Minha tia era a arvore robusta que tinha vencido seculos, mas que tinha chegado á época em que, despida de folhas e vergada para a direcção dos ventos, qualquer tufão mais forte a deitaria por terra.

RACHEL.

Comprehendo, minha amiga, comprehendo a somma de resignação que deverias necessitar, para presenciares tamanho supplicio. Continua... sei que a narração presente, do quanto soffreste no passado, ha de sangrar a cicatriz de teu coração, que ainda não cerrou-se: mas nós sentimos um balsamo refrigerante adormecer por momentos as nossas dôres, quando derramamos algumas lagrimas por ellas.

EVANGELINA.

Chegámos aos fins de Dezembro. O calor augmentava-se com uma intensidade descommunal. A athmosfera despedia chispas. Muitas vezes suppuz vêr minha tia morrer suffocada por falta de ar. A enfermidade tenaz, indomita, chegava a seu termo. Uma immobildade geral em todo corpo denunciava-lhe a vida. Depois de uma conferencia de medicos, e de termos empregado os ultimos recursos, ella morreu em um momento inesperado, em principios do mez de Janeiro. Eu fui agazalhada por teu pai, e o resto tu sabes.

RACHEL.

Tens, é verdade, sido mais infeliz do que eu, n'este sentido; porém ainda não amaste, e não podes avaliar

a dôr que sinto. A decepção que soffri com a noticia da morte de Alfredo apanhou-me de sobresalto, e desperitou-me dos doces sonhos que eu phantasticamente creava na imaginação.

EVANGELINA.

Ainda assim resta-te esse dedicado Luiz, esse que tem sacrificado tudo por ti.

RACHEL.

Não o amo, acredita-me; dedicava-lhe afeição, não pelo seu merecimento proprio, mas por que n'elle reflectia-se a luz que dimanava de Alfredo. A tendencia fria que me arrastava para elle diminuiu desde o momento em que elle, com uma frieza glacial, narrou as peripecias da morte de seu amigo. Custou agora a convencer-me que o senhor Luiz fosse amigo de Alfredo.

EVANGELINA.

És injusta, estás prevenida com elle, por isso não vês o soffrimento, a dôr e os pezares pintados em suas feições. Está tão mudado que parece outro!

RACHEL.

Descreio muito dos moços da tempera do senhor Luiz; tudo quanto dizem tende a elevar-se, a parecer maiores que os seus iguaes; além d'isso, duvido muito que elle sinta por mim verdadeira afeição. Hontem pedio-me em casamento a meu pai. Disse que desejava ardentemente ser meu esposo, e que, ao receber o ultimo suspiro de Alfredo, este lhe pedira que me desposasse, e que esta certeza seria a sua maior ventura.

EVANGELINA.

E ainda trepidas em ceder tua mão a um homem que era quasi que irmão d'aquelle a quem amavas?

RACHEL.

Sigo os impulsos de meu coração: nunca o amarei.

EVANGELINA.

Pelo menos a gratidão lhe deves.

Scena II

AS MESMAS E GENOVEVA.

GENOVEVA.

(*Fallando comsigo.*) Mauricio pensa mal. E máo contrariar as inclinações naturaes; porém ainda é peor violentar um coração, obrigando-o a amar a quem elle tem aversão.

Ah! (*Dando com Rachel e Evangelina.*) vocês por cá? Ha bem meia hora que as procuro nos quartos, na alcova e no terraço; finalmente encontrei-as.

RACHEL.

Conversavamos; como minha mãe sabe, é costume de meu pai mandar-me todas as manhãs lêr-lhe o jornal, e como elle ainda não veio conversavamos sobre a noticia da morte do senhor Alfredo, que nos tem magoado tanto!

EVANGELINA.

É verdade; veio ella tão inesperadamente;

GENOVEVA.

Acho-lhes razão, minhas filhas. Mas devemos aceitar a vontade de Deos, como a unica cheia de sabedoria. Tudo quanto elle faz tende para nosso bem. Uma vez, porém, que não podemos remediar a perda d'aquelle pobre moço, resignemo-nos e imploremos ao Senhor pelas desgraças futuras que nos podem vir.

RACHEL.

(*Para Genoveva.*) Meu pai demora-se; talvez sahisse a tratar de seus negocios. Dê-nos Vm.^{ce} licença para irmos passeiar um pouco no terraço.

GENOVEVA.

Vão, minhas filhas; eu sou uma velha, cuja conversação não lhes pôde interessar, e não quero contrariar-as a estarem comigo.

RACHEL E EVANGELINA.

Até logo. (*Sahem pela porta lateral da esquerda alta.*)

Scena III

GENOVEVA E LUIZ.

LUIZ.

(*Na porta do fundo.*) Dá licença?

GENOVEVA.

Entre, senhor Luiz, esperava-o cheia de anciedade.

LUIZ.

Peço-lhe mil perdões por ter-lhe feito esperar-me tanto. Alguns negocios prenderão-me hoje durante quasi todo o dia, e sómente á tarde pude terminal-os.

GENOVEVA.

O que aparentemente mostra, senhor Luiz, não casa com aquillo que diz sentir; pois segundo a opinião dos poetas e dos romancistas, os amantes carregão azas nos calcanhares.

LUIZ.

(*Sorrindo-se.*) Concordo plenamente com a opinião de V. Exa., dos romancistas e poetas; mas supponho que quando elles dizião trazerem os amantes azas nos pés subentendião que erão todos felizes.

GENOVEVA.

E por ventura não o é o senhor?

LUIZ.

Eu! minha senhora, em que? Justamente aquillo que com mais afan tenho almejado é o que não tenho conseguido. Dedicção extremada, provas exuberantes de uma afeição sincera, sem limites; o sacrificio de tudo pelo objecto amado; e a recompensa, quando virá? Poderei tranquillo esperal-a? E' ou não verdade que tudo que actualmente presencio me induz a descrever?

GENOVEVA.

O senhor é moço e quer tudo arrebatadamente. Pensa mais o seu coração que a sua cabeça. O que é que não se consegue sobre a terra! Ahi está o anexim: quem

porfia mata caça. Só lhe faltão duas cousas: esperanza e persistencia.

LUIZ.

É uma estulticia de minha parte illudir-me por mais tempo. Nunca apresentei-me candidato á preferencia de D. Rachel; affianço-lhe, porém, que não tenho juz á indifferença real ou premeditada, que ella demonstra-me a todo momento. Sinceramente, D. Genoveva, preferia que D. Rachel me votasse odio inveterado a essa indifferença gelida, porque é ella incontestavelmente mais atroz.

GENOVEVA.

Mas quem lhe metteu na cabeça semelhantes teias de aranha? quem lhe prognosticou essa imaginaria indifferença, que o senhor suppõe dispensar-lhe Rachel?

LUIZ.

Tudo me arrasta a convencer-me d'essa verdade. O abatimento que denuncia seu semblante depois que recebeu a noticia da morte de Alfredo; a especie de vida contemplativa que tem levado d'ahi para cá, como que não podendo consolar-se com a perda que soffreu; a dilacção de tempo que pedio para acceder ou repudiar o meu pedido; tudo, tudo me faz desesperar.

GENOVEVA.

Rachel é uma criança, uma menina, que ainda julga tudo aeriamente; posso todavia affiançar-lhe que d'aqui a poucos dias pensará diversamente do que pensa hoje, e que, livre da impressão forte que sentio, accederá ao seu pedido, cumprindo assim a vontade de seus pais.

LUIZ.

Creia, D. Genoveva, é muito robusta a minha perseverança; não recuo ante os primeiros obstaculos. Sacrifiquei tudo; não posso portanto desenganar-me cedo.

GENOVEVA.

Deixe tudo ao meu cuidado e não desanime.

LUIZ.

Ajudado pelo generoso acolhimento de V. Exa., e pela boa vontade do senhor Mauricio, creio-me já feliz.

GENOVEVA.

Entremos, senhor Luiz, vamos fallar a Mauricio.
(*Sahem.*)

Scena IV

J. CAETANO. (*Entrando pelo fundo.*)

Guarde Deos aos d'esta casa. (*Reparando que está só.*)
E esta?... sempre me recebem aqui á franceza!... Não gosto d'isto!... (*Desce á bocca da scena e senta-se.*) Excellentemente. Agora estou na mesma posição de um petionario na sala de espera do ministro. Aquelle consola-se com a esperança de obter o que deseja; mas eu... ora, eu tenho medo de pedir, com receio de levar pelas ventas com um formidavel indeferido!... Aquella D. Evangelina tem-me posto o coração n'um corropio tal, que tenho andado a tinir!... Eu creio que não sou inteiramente velho; sim... porque eu... ora eu ainda walso! Ando com um desejo de fazer-lhe uma declaraçãozinha, que uma cousa é vêr e outra dizer. O diabo é o receio que tenho de vêr que não peguem as bichas, mas com um milhão!... quem não arrisca, não petiscal... Está decidido! a primeira vez que a pilhar de geito, atiro-me a ella como um pedaço de céu velho. Por agora vejamos o Jornal. (*Pega no Jornal que Evangelina deixou em cima da mesa.*) Jornal do Commercio. Noticias da terra! Será da terra mesmo? Eu sou um pouco myope; alguns o são por moda. Vejamos outra vez: Noticias da guerra! Ora, eu sou uma besta! Confundir um T com um G! (*Lendo.*) Entrou hontem procedente do Rio da Prata o transporte «Marcilio Dias» trazendo noticias do theatro da guerra até 10 do corrente. Tinha havido um combate renhido entre as avançadas. O inimigo tentou surprender as nossas forças; mas foi malograda a sua tentativa. Tinha fallecido o bravo coronel Galvão, e sido ferido o major Alfredo Magno, seu assistente. (*Fallando.*) Eim! De que me livre eu! E elles que me influirão para que fosse como voluntario! E que tal! Olhem lá, se eu seguisse tal conselho! Nada, por cá ainda come-se feijões... (*Continuando a lêr.*) Minas Geraes. Eleição! (*Fallando.*) E' no que cuidão. Que propensão gara va-

dios tem a nossa gente! Se hão de mandar voluntarios para o exercito, estão recrutando para as camaras, ou designando, como diz a opposição!

Pobre paiz! (*Continuando a lêr.*) Uma senhora viuva e honesta deseja encontrar um senhor viuvo ou solteiro, sem filhos, para... para... (*Largando o jornal.*) A imprensa é livre de mais! No meu tempo, não se dava uma pennada, que não fosse bem medida, bem reflectida; mas hoje escreve-se tudo, tudo, até annuncios de casamentos! *Tempora mutantur*, como dizia o meu padre-mestre, que Deos o tenha por lá seguro. Não gosto, não gosto do positivismo. Cá a meu vêr tudo deve seguir por ordem chromatica, sonoramente, como o chjar de um carro de canna lá na roça. E por querer tudo em ordem é que estou agora com um arco de barril na garganta, para fazer a minha declaração cá á pequena; sim, a cousa está em dizer tudo por ordem; mas... eu creio que não me hei de sahir mal. Veremos. A tal menina tem o seu toque de litterata, e é capaz de metter-me debaixo da cadeira, apezar de não ser eu totalmente besta, sim, o que sou não o nego, além d'isso eu tenho alguma pratica de salão. (*Apparece Evangelina na porta esquerda.*) Oh! lá vem ella! vou atirar-me. Excellentissima senhora dona, eu...

Scena V

O MESMO E EVANGELINA.

EVANGELINA.

Ah! por cá, senhor Caetano?

J. CAETANO.

É verdade, minha senhora, eu vinha... V. Exa. ha de saber o motivo que me traz aqui!

EVANGELINA.

Não, senhor, não sei, e como, qualidade inherente ao meu sexo, sou curiosa, e portanto estou prompta a ouvir-o.

J. CAETANO.

Pois, minha senhora dona, eu vinha dizer-lhe... eu vinha dizer-lhe aquillo que ha muito tempo desejava dizer-lhe.

EVANGELINA.

Estou á sua disposição, não obstante ter vindo cá em busca do jornal; mas, uma vez que tem alguma cousa a revelar-me, retardo a minha volta.

J. CAETANO.

Agradeço a V. Exa. a bondade que me concede. Aquillo que queria dizer-lhe, creio que V. Exa. já percebeu... sim... percebeu por certos signaes característicos. (*A'parte.*) Sim, n'esses negocios os olhos fallão mais que a lingua.

EVANGELINA.

(*A'parte.*) Que massante. (*Alto.*) Senhor Caetano, previno-lhe que se é por enigmas que me quer fallar, eu não o comprehenderei.

J. CAETANO.

Em tal não posso acreditar. V. Exa. é uma moça de espirito... de espirito afiado. (*Espirrando.*) Desculpe, excellentissima, estou terrivelmente indeflexado; é do tempo, é!

EVANGELINA.

Diga-me uma cousa, senhor Caetano; que mania é essa de andarem os senhores com a lisonja pendente dos labios!

J. CAETANO.

Juro-lhe, minha senhora, que eu não sou homem de pinturas. O que sinto, digo logo, não por cartinhas perfumosas, mas com a palavra crua e nna. Por exemplo: diga-me V. Exa. uma cousa: já sentio o fogo que me queima cá por dentro?

EVANGELINA.

(*A'parte.*) Comprehendo, desfructemol-o. (*Alto.*) Ah! então o senhor é um vulcão! Pelo amor de Deos,

senhor Caetano, deixe-me retirar, que posso ser destruida por suas lavas.

J. CAETANO.

De certo, V. Exa. não me percebeu. Eu não digo que o meu coração seja fogo, sim... porque meu peito não é fogão!! Quero fazer comprehender a V. Exa. que sinto uma comichãozinha aqui por dentro, que uma cousa é sentir e outra dizer.

EVANGELINA.

Será alguma traça, algum cupim? Olhe, senhor Caetano, são insectos esses muito destruidores; tenha cuidado.

J. CAETANO.

Decididamente não ha remedio senão despejar tudo de uma vez. Eu queria ir chromaticamente, é meu systema; mas já que é preciso... Minha senhora, ha muilo tempo que este seu criadinho suspira pelos encantos de V. Exa...

EVANGELINA.

(*Sorrindo-se.*) Deveras, senhor Caetano?

J. CAETANO.

Duvida V. Exa? Olhe que eu sou muito sensivel. Sou homem de palavras gordas, e por amor de V. Exa. seria capaz de atirar-me do Pão d'Assucar, com risco de ser engolido por algum peixe-boi!

EVANGELINA.

Nada mais natural que, tendo o senhor Caetano necessidade de refrescar a sua cabeça abrazada, se atirasse do Pão d'Assucar. O lucro seria todo seu.

J. CAETANO.

Pois, minha senhora, para prova de tudo, aqui me tem a seus pés. (*Ajoelhando-se.*) Eu necessito achar uma alma caridosa, que se interessa pelos remendos da minha roupa velha!

Scena VI

OS MESMOS E MAURICIO.

MAURICIO.

(*Entrando.*) Muito bonito, senhor Caetano, muito bonito! Ora, não pensei; com a sua idade, com as juntas quasi inflexiveis!...

J. CAETANO.

(*Levantando-se ligeiro e protestando.*) Meu amigo e senhor Mauricio, asseguro-lhe... asseguro-lhe... (*Evangelina retira-se sorratamente.*)

MAURICIO.

Ora, senhor Caetano, pois deveras, pretende escurecer o papel ridiculo que acaba de representar?

J. CAETANO.

Mas, senhor Mauricio, afianço-lhe que o juizo que faz de mim é erroneo. Eu me julgo repleto de bastante discernimento para vêr em que lado da sociedade devo ser collocado, se no sublime, se no ridiculo.

MAURICIO.

(*Sorrindo-se.*) Pelo amor de Deos, senhor Caetano, é preciso lembrar-se que o senhor é uma feia carêta do seculo passado!

J. CAETANO.

Meu amigo, distingo que maltrata-me, que offende os meus brios!!

MAURICIO.

Admira-se? Sou velho, o senhor representa o meu seculo; ridicularisando-se, ridicularisa-me e aos da minha idade. Emende-se. O que quer dizer, um homem com os seus Janeiros, a suspirar e a fazer papeis de Romêo?!

J. CAETANO.

Irra! o senhor parece de antemão ter projectado offender-me. Com sua licença, senhor Mauricio, vou até a minha casa.

MAURICIO.

(*Com rispidez.*) Adeos!

J. CAETANO.

(*Da porta do fundo.*) Ora viva!! (*Sahe.*)

Scena VII

MAURICIO (*só.*)

Fui um tanto desabrido; porém ha occasiões que assim é necessario. Não desejo passar por moralista, mas não posso encarar friamente para os deslocadores do respeito devido á velhice. As minhas exacerbações esvaecem-se com rapidez. Estou arrependido de ter tratado aquelle pobre amigo com tanta dureza; vou mandar chamal-o a fim de fazermos as pazes. (*Sahe.*)

Scena VIII

RACHEL (*só.*)

Meu Deos, quaes serão os premios que reservais para a martyr, condemnada a carregar tão pesada cruz!.. A quantos supplicios me impôz a obediencia paterna!... Como é que meus pais, que tanto me estimão, que desvelarão-se tanto pela minha educação, são os primeiros a rasgarem o véo de minhas douradas esperanças!... E virão dizer-me que sou feliz!... que desfructo a maior das venturas!... Deos é justo; não pôde portanto ser o motor de minha desgraça! Aquelle que traz a consciencia illesa de culpas, deve esperar tudo, ser feliz, e achar a vida veloz e cheia de perfumes! Sou crente; Deos é omnipotente, e Elle é o unico que pôde derramar no coração o fel ou a alegria. (*Pausa.*) Parece-me um sonho, uma illusão de minha pobre cabeça, a tremenda realidade da morte de Alfredo!... A's vezes, em minhas cogitações, chego a convencer-me que tudo se reune para provar que a fatalidade existe!... Esse Luiz não pôde deixar de ser o que o coração me diz. As apparencias enganão... Revestio-se elle, quando aqui veio a primeira vez, de uma amabilidade tão exagerada, que parecia estar occultando, debaixo de um exterior sereno, um

coração perverso! Os presentimentos não podião ter-me enganado, (*Com dôr.*) e no entanto vou ser sua mulher!... Prender as nossas vidas n'uma só cadeia!... E tudo... tudo por amor de meus pais!... para fazer-lhes a vontade!

Scena IX

A MESMA E LUIZ.

LUIZ.

(*Pezaroso.*) Perdôe, D. Rachel, perdôe ao estouvado, que vem quebrar o doce fio de suas meditações.

RACHEL.

(*Friamente.*) Engana-se, senhor Luiz, a luz da realidade é tão viva que não me deixa adormecer e sonhar.

LUIZ.

V. Exa. não avalia o quanto me dilacera o coração a frieza com que me trata!...

Creia, não mereço o conceito que faz de mim. Fui collocado n'um terrível dilemma: possuir V. Exa. ou morrer! Quando o nosso espirito, adormecido com as crenças, com as esperanças no futuro, desperta para encarar bruscamente a queda de seus sonhos queridos, cahimos n'uma apathia devastadora, na animalidade bruta, que mata o espirito e esmaga o coração...

RACHEL.

Se soubesse o quanto me incommoda e desagrada a sua linguagem, estou certa que me pouparia ouvil-o. Os seus desejos vão ser realizados. O que quer mais de mim? Acha pouco o sacrificio de meu coração?

LUIZ.

Será proposito de V. Exa. ferir-me a todo o momento com o estylete do desprezo? Tenho juz a elle? A consagração do affecto o mais desinteressado o merece? E' crime confessar o que sentimos? Debalde, minha senhora, debalde indago o motivo de tanto desabrimento para comigo!... Não a comprehendo!

RACHEL.

Infelizmente não me quer comprehender; se quizesse seria menos desgraçada!... Em um momento de allucinação, de obediencia a meu pai, disse-lhe que me sujeitava a ser sua mulher, mas não dei-lhe o meu coração. O passo ainda não foi dado, posso recuar.

LUIZ.

Oh! para que sangrar-me o coração d'essa maneira! Escute, D. Rachel: recuar agora é impossivel. Eu cheguei á crise a que chegão todos os homens, á época em que sente-se imperiosa necessidade de amar, de receber e dar um pouco de affecto a alguém. Aquelle que não pôde sonhar, que vive ordinariamente a braços com o positivismo bruto, que nada tem em si de harmonico e doce, que vive a debater-se na lama, sempre trivial, sempre abrumado na estupidez, na paralyisia do espirito, na quietação do coração, que morreu para as sensações; esse é um miseravel, que não tem coragem de mergulhar-se n'um precipicio, com receio de assombrar-se com o ultimo gemido que exhalasse!

Eu cheguei a essa época, D. Rachel, hei de portanto ser seu esposo!

RACHEL.

Com que direito o senhor me diz que ha de dispôr do meu futuro? Tenho vontade, ou sou uma machina que obedece? Qual o titulo que tem para querer violentar-me?

LUIZ.

(*Com cynismo.*) Ora, minha senhora, para que tenta desfazer aquillo que o destino decretou?... Deixe-se de exprobrações, e acredite que seremos um casal digno de inveja!...

RACHEL.

Basta! De mais o tenho ouvido! O senhor é um miseravel, que desconhece a delicadeza de um coração. Nada deve esperar de mim. O promettimento que fiz a meu pai fica desfeito!

LUIZ.

Não creio que V. Exa. dê semelhante passo, quando é notorio o nosso proximo enlace; além disso, tenho a palavra de seu pai, e estou muitissimo convencido que V. Exa. estava destinada para mim.

RACHEL.

Não posso mais ouvil o, senhor. Demasiadamente o supportei! Declaro-lhe, cheia de forças, que nada obterá de mim, e que acima de sua insolita pretensão, da boa fé de meus pais e de tudo, está Deos!

LUIZ.

(*Pausadamente.*) Bom! Veremos!...

(*Cahe o panno*)

FIM DO SEGUNDO ACTO.

ACTO TERCEIRO

O scenario representa uma sala rica. Uma porta no fundo e outra á esquerda baixa. Rachel, vestida de noiva, e os mais com luxo.

Scena I

MAURICIO, GENOVEVA E RACHEL.

MAURICIO.

Quero vêr-te alegre, minha filha; é hoje um dia de felicidade para todos nós, vais desposar um moço digno e de elevados sentimentos.

RACHEL.

Nunca neguei as qualidades do senhor Luiz, meu pai, mas eu não o amo.

MAURICIO.

Não se vive de amores, minha querida Rachel; os casamentos felizes são aquelles que assegurão o futuro das familias pelas qualidades dos contrahentes.

GENOVEVA.

E haveis de amar ao senhor Luiz; elle é dotado de muito boas qualidades, e ha de ser um bom esposo.

RACHEL.

Os vossos desejos vão ser realizados. D'aqui a pouco serei mulher do senhor Luiz; porém peço-vos, por Deos, que não me obrigueis a dizer-lhe que o amo.

MAURICIO.

A nada temos-te obrigado: tudo tem sido feito pela força irrevogavel do destino. Dous moços iguaes na alma e no corpo amavão-te; a fatalidade fez morrer o que tu preferias, sobrevivendo o outro. Apaixonado e amoroso, mendigou-te um affecto que não lhe deste. A voz da

gratidão fallou em teu coração por este mancebo, cheio de abnegação e constancia. Devias-lhe o reconhecimento eterno de seu desinteresse. E' vontade de Deos.

RACHEL.

E as minhas juras, e os meus protestos a Alfredo?

MAURICIO.

Banalidades...

RACHEL.

Oh! parece-me que o vejo a todo instante surgir da sepultura, pallido e ameaçador, exprobrando-me.

GENOVEVA.

(*A'parte.*) E eu tambem! (*Alto.*) Vem, Rachel; vem apromptar-te. Aproxima-se a hora e o senhor Luiz não pôde tardar.

RACHEL.

Sempre prompta, minha mãe, para obedecer-lhe.

MAURICIO.

Vai pôr-te bella e alegre. Faça essa vontade a teu pai. (*Salte Rachel e Genoveva.*)

Scena II

MAURICIO, LOGO DEPOIS J. CAETANO.

MAURICIO.

Deos é testemunha de que só desejo que ella seja feliz, e n'esta convicção é que tenho trabalhado para a realisação d'este casamento; não obstante, sinto-me incommodado com o abatimento que denoto em suas feições. Ora... ha de passar.

J. CAETANO.

(*Entrando casacalmente vestido e com uma flôr no peito.*) Meu caro senhor Mauricio, faço-lhe os meus cumprimentos. E' sempre alvoroçadamente que presencio a felicidade dos meus contemporaneos, e estimaria mais perder um bilhete grande da loteria, a comparecer a um acto tão grandioso e solemne!

MAURICIO.

Agradeço-lhe com reconhecimento o interesse e amizade que dedica a mim e aos meus. Creia quo nutro os mesmos sentimentos a seu respeito.

J. CAETANO.

Eu o creio, meu amigo, eu o creio! Eu sou muito amigo dos casamentos. O casamento é o passo gigantesco que nobilita e engrandece áquelles que detestão o celibato; e deixe-me dizer-lhe com franqueza, nunca andei com tantas disposições para casar-me como agora!

MAURICIO.

Com a sua idade, nutrir idéas de casamento é um prejuizo.

J. CAETANO.

Não é tanto assim, senhor Mauricio, não é tanto assim. Eu não me troco por qualquer menino de dezoito annos; principalmente em firmeza de pernas!

MAURICIO.

Sou capaz de lhe provar cathegoricamente que essa tendencia que diz sentir para o casamento é um desejo ephemero, futil e sem durabilidade.

J. CAETANO.

O que me diz, senhor Mauricio! pois persuade-se que eu, á semelhança de certos velhos que, não podendo sentir sensações directas, contentão-se com as ovações que fazem aos rapazes de sangue fresco, que desfructão sem experimentar cansaço!

MAURICIO.

Não vou tão longe, nem seria preciso. O que digo é, que, se o senhor se resolvesse absolutamente casar-se, necessariamente havia de querer uma noiva de quinze annos, que estivesse em idade diametralmente opposta á sua; ora, as moças, não obstante abundarem mais que os moços, comtudo, julgo-as com bastante juizo para que uma d'ellas cahisse na grandississima asneira de

enlaçar-se com o senhor Caetano, que incontestavelmente a deixaria no meio do caminho, para fazer a sua viagem para o outro mundo!

J. CAETANO.

Ora, o senhor Mauricio julga que eu sou algum boneco de papelão, que qualquer vento o deita por terra! Não observa a minha robustez!

MAURICIO.

Tenho visto muitas arvores frondosas, extraordinariamente grandes, permanecerem seculos, sempre firmes no seu posto; mas lá vem um dia um tufão desapiedado que a deita irremissivelmente ao chão! O senhor póde servir de termo a essa comparação!

J. CAETANO.

Ora, pois não; isto é o mesmo que comparar o espeto com o ovo! Espero que o senhor Mauricio me dará sempre razões para fazer um juizo satisfactorio a seu respeito.

MAURICIO.

Já sei, não deseja ouvir aquillo que é puramente verdade. O senhor Caetano quer a todo transe considerar-se ainda em idade de poder brincar a cabra-cega.

J. CAETANO.

Equivoca-se, meu caro senhor Mauricio, equivoca-se! O que eu desejo é que não me tire o que legitimamente pertence-me. Ninguem póde negar que ainda me acho em circumstancias de produzir filhos robustos e cheios de vida.

MAURICIO.

Rachiticos, indolentes, lymphaticos, não duvido. O senhor já vai no ramo descendente! Olhe o exemplo da arvore... A meu vêr, o senhor bem difficilmente poderá resistir ao proximo inverno!

J. CAETANO.

(Mostrando-se offendido.) Decididamente, o senhor Mauricio jurou aos seus deoses ser meu Cabrion! Uma

insistencia em contrariar-me!... Por favor, mudemos de assumpto, ou antes, conceda-me licença; vou conversar um pouco com a senhora D. Genoveva. (Sahe.)

Scena III

MAURICIO E EVANGELINA.

MAURICIO.

Em boa occasião vieste, minha querida pupilla. Sabes quem sahio d'aquí?

EVANGELINA.

O senhor Caetano?

MAURICIO

Sim. Elle que trabalha afincadamente para achar uma menina com quem se case. Pelo entusiasmo com que falla das moças, e muito principalmente a teu respeito, desconfio que o pobre velho está resolutamente apaixonado pelos teus encantos!

EVANGELINA.

Muito me incommoda a insistencia do senhor Caetano; já fiz-lhe vêr que a minha resolução é inabalavel. Tenho vivido até hoje, satisfeita e feliz, n'esta casa. Poderia lamentar-me bastante, porque, perdendo meus pais e por ultimo minha tia, fiquei sem parentes que me agasalhassem! Assim não aconteceu; encontrei um segundo pai e uma segunda mãe. Nada me falta para ser feliz; tenho os seus carinhos, e, considerada irmã de Rachel, recebo de sua mãe os mesmos afagos, a mesma amizade, que ella prodigalisá á sua filha.

MAURICIO.

És extremamente boa, minha querida Evangelina. Não damos-te mais do que aquillo a que tem direito o teu merecimento.

EVANGELINA.

Tenho-me esforçado continuamente para sempre merecer o affecto que me consagrão. O tempo que aqui

passo deslisa-se mansamente n'uma paz tão íntima, tão immutavel, que eu desejo não quebrar essa especie de deliquio, que me é tão doce! Prevejo que vou soffrer um choque superior ás minhas forças, separando-me de Rachel, com quem insensivelmente identifiquei minha existencia, porém resigno-me, porque me ficão os pais que necessitão tambem de consolações.

MAURICIO.

E é com a certeza de que nos ficas tu, que consolo-me e sinto-me bastante forte para soffrer a ausencia da nossa Rachel. Sei que não nos separaremos totalmente d'ella, porque vamos viver no mesmo lugar e a teremos assiduamente junto a nós: todavia sinto-me doer a consciencia, por parecer-me não ser inteiramente do gosto d'ella esse casamento. O que dizes?

EVANGELINA.

Eu creio que Rachel será feliz, como merece, com o seu noivo. A repugnancia que ella mostrou no principio, e que hoje está quasi arrefecida, supponho que era o resultado do abalo que sentio com a noticia da morte do senhor Alfredo. Seu espirito, acostumado com as impressões agradaveis, rebellou-se, e vacilla em receber uma noticia tão desastrosa.

MAURICIO.

Eu tambem penso assim, e n'essa convicção foi que deixei as cousas chegarem a esse fim. Tinha em mente a idéa de consultar-te e pedir tua opinião a respeito, sobre tudo para descargo de minha consciencia. Hoje estou descansado, porque vejo que não me enganei, e tudo quanto suppunha, permanece, porque a tua opinião allia-se á minha.

EVANGELINA.

Rachel hoje reconhece a verdadeira affeição que lhe dedica o senhor Luiz, e este, crente da retribuição de seu sincero amor, procurará os meios de proporcionar a ella uma vida feliz e cheia de venturas.

MAURICIO.

Deos assim o permitta. Desvelei-me exclusivamente na educação de minha filha, porque o futuro depende

muito dos nossos bons ou máos principios. Estimo-a extremosamente, e as alegrias que encherão mais este velho coração será a certeza de que não a fiz desgraçada.

EVANGELINA.

Tenho fé que ella ha de ser immensamente ditosa, e que nunca se arrependérá de ter ouvido os conselhos de seus pais.

MAURICIO.

A Providencia te ouça, minha filha. Vou dar ainda algumas ordens, para que de nada tenhamos falta. Adeos. (*Sahe pelo fundo.*)

Scena IV

EVANGELINA (*só*).

Que pai extremoso! Todos os seus desejos se concentram na felicidade de sua filha. Quanta solicitude! Quanta idolatria! Feliz, quem, debaixo de vistas paternaes, pôde olhar desassombradamente para o futuro, nutrindo sempre esperanças... Dizem que lá por fóra, no borbórinho dos salões, nas reuniões populares, o sentimento é uma convenção, um mero pretexto para a realização da cobiça de cada um! Fraternidade! palavra vã, sem significação comprehensivel, para os racionalistas; para aquelles, que, absorvidos em seus calculos, matão o sentimento com a logica da razão! Eu tenho o meu mundo aqui n'esta casa, d'onde nunca desejaria sair... Todas as minhas aspirações se limitão, com o espectaculo da felicidade que aqui presencio, e da qual tenho tambem o meu quinhão! Sou feliz, nada mais quero!

Scena V

A MESMA E LUIZ (*vestido com luxo*).

EVANGELINA.

Já se fazia esperar, Sr. Luiz; todos, presentes e promptos, aguardavamos a sua vinda. Finalmente chegou.

LUIZ.

Sinto muito, D. Evangelina. Nem sempre podemos realizar aquillo que mais freneticamente desejamos. Eu sou o typo do caiporismo; raras vezes consigo satisfazer os meus desejos. Hoje, porém, não posso revoltar-me, porque a minha demora foi devida a incidentes naturaes e previstos; além de que, estou convencido que a minha ausencia era approvada e desejada, talvez!

EVANGELINA.

O senhor é demasiadamente pessimista; vê tudo através de horizontes negros. Olhe, quer saber uma cousa? A's vezes levo a consultar com os meus colchetes se a modestia excessiva que lhe caracteriza é ou não premeditada. Uma insistencia em chamar a si o desprezo geral!...

LUIZ.

Pois não são reaes todas as considerações que faço a meu respeito? A senhora sabe tudo; tem sido a espectadora das angustias por que tenho passado. Tenho lutado com tantos obstaculos, com tantas contrariedades!...

EVANGELINA.

Mas a final tudo ha de alcançar. O triumpho obtido depois de uma luta porfiosa é mil vezes mais salutar ao coração, que a inercia produzida pelo desalento. Eu sinto profundamente não poder desvanecer de seu espirito semelhantes supposições. Estou certa que d'aqui a um mez me fallará diversamente do que falla hoje.

LUIZ.

Não duvido, porém não convengo-me. Na posição actual em que me acho collocado, todas as probabilidades são mentirosas.

EVANGELINA.

É molestia reinante na época que atravessamos. Os Chattertons abundão de uma maneira miraculosa.

LUIZ.

Se esta incerteza dolorosa durar por muito tempo, prevejo que terei de succumbir irremissivelmente, es-

magado por tão duras e cruéis provações. V. Exa., moça, creança ainda, absorta na contemplação da enebriante natureza, não póde despregar os olhos d'ella para olhar friamente o quadro horroroso das miserias humanas! Não avalia, não póde vêr as chagas sangrentas, que a adversidade e a luta com o infortunio fazem no coração d'aquelle, que, gladiando com todos os obstaculos; com todas as contrariedades, horrorisa-se, a final, com a idéa de succumbir.

EVANGELINA.

Afugente semelhantes idéas e venha comigo á sala do jantar, onde creio que respirará uma atmospherá que lhe fará muito bem.

LUIZ.

Estou á sua disposição.

EVANGELINA.

Entremos. (*Sahem.*)

Scena VI

J. CAETANO (*apparece na porta da esquerda, lança um olhar sorrateiro para a scena, e depois entra com precaução*).

Decididamente não ha remedio senão vir lêr o meu quarteto n'esta sala. É uma ovação ao casamento cá da pequena. (*Tirando uma folha de papel do bolso*) Cá está!... Tenho-me visto atrapalhado com a metrificacão!... Estes são versos de truz!... Um madrigal perfeito! São assim os versos de Bocage; rima a primeira com a ultima. Sonetos lindissimos!... de fazer vir a lagrima ao olho... Sim! o olho é sempre o mostrador do sentimento .. não padece duvida. Ora vejamos estes como são. (*Lendo.*) Ao auspicioso consorcio da Exma. senhora D. Rachel de Moura e Silva Machado de Oliveira com o Illmo. senhor capitão Luiz Antonio d'Almeida de Vasconcellos e Albuquerque.

Salve de hyminéo a filha radiante,
Tão bella, e tão garbosa e tão gentil!
Salve Deosa, filhinha d'estes tropicos,
Que a final ha de ser muito feliz.

(*Fallando.*) Diabo!... este feliz não quadra bem, é preciso vêr outro. (*Ouve passos.*) E esta? Não me deixão parar! Vou concluil-o no quintal. (*Sahe.*)

Scena VII

LUIZ (*com ar triumphante.*)

Venci! Estão coroados os meus sacrificios, depois de uma luta insana! Ainda parece-me um sonho! A cada passo julgo vêr a sombra de Alfredo, perseguir-me ameaçadora, terrivel, interpôr-se no meu caminho! (*Com cynismo.*) Ora historias! Alfredo está morto e bem morto! Cada minuto parece-me um seculo! (*Dirigindo-se para a porta da esquerda.*) Que demora! Ah! Rachel, as minhas juras hão de se cumprir! (*Olhando para o interior.*) Agora! Como vem bella! Os traços do soffrimento em seu rosto como a tornão romantica! E's a final minna!!

Scena VIII

LUIZ, GENOVEVA, EVANGELINA, MAURICIO
E RACHEL PELO BRAÇO E J. CAETANO.

MAURICIO.

(*Aproximando-se de Luiz e Rachel.*) Senhor Luiz, entrego-lhe o futuro e felicidade de minha filha, unico thesouro que pössuo n'este mundo.

LUIZ.

Eu a recebo radiante de alegria, de orgulho e certo de nossa felicidade futura. (*Para Rachel.*) Minha senhora, o meu maior desejo é desmentir o máo conceito que faz de mim, trabalhando afanosamente sempre para tornal-a feliz. (*Offerecendo-lhe o braço.*) Toda a minha vida é vossa.

RACHEL.

(*Passando a mão pelo braço de Luiz e á parte.*) Consumma-se o sacrificio da victima.

GENOVEVA.

(*A' parte.*) Pobre filha!

J. CAETANO.

Já me quer vir a maldita lagrima ao olho! Não posso vêr choradeira sem me commover... fico todo electrico cá por dentro!

MAURICIO.

(*Para Rachel.*) Vamos, minha filha; aproxima-se a hora.

(*Luiz e Rachel vão-se dirigindo para o fundo, os mais acompanhão. Quando chegão á porta do fundo, apparece Alfredo, desfigurado, mal fardado e com o braço esquerdo suspenso por um lenço ao pescoço, acompanhado de alguns soldados. Espanto geral.*)

Scena IX

OS MESMOS E ALFREDO.

ALFREDO.

Ainda ha tempo!

LUIZ.

(*Recuando espavorido.*) Estou perdido!

RACHEL.

(*Quasi desfallecida.*) Alfredo! Meu Deos! (*Desmaia sobre uma cadeira; todos correm a soccorrêl-a, menos Luiz, Alfredo e Mauricio.*)

ALFREDO.

Cobarde! miseravel! assassino! desertor! Estás preso!

TODOS.

Céos!

LUIZ.

(*Desvairado, tira o punhal e avança para Rachel.*) Nem minha, nem tua!

ALFREDO.

(*Apontando-lhe um revolver.*) Se dás mais um passo, faço saltar-te os miolos!

LUIZ.

(*Recuando.*) Infernos!

(*Genoveva, Evangelina e J. Caetano conduzem Rachel desfallecida para dentro.*)

ALFREDO.

Infame! O teu braço, sempre prompto a erguer-se para o crime, ha de cahir diante da Justiça Divina! Cobarde! assassino! o cutello do algoz te espera.

MAURICIO.

Oh! tudo isto é horrivel! horrivel!

LUIZ.

(*Allucinado.*) Justiça Divina! cutello do algoz! para mim?!... Sim!... Tens razão... eu sou um infame... um réo!... (*Delirando.*) Olha!... Olha bem para ali... não vês aquelle homem, com as barbas brancas, salpicadas de sangue?!... E' sangue, sim!... E' o coronel!!... Não vês um punhal enterrado em seu coração?!... Fui eu!... fui eu que o matei!! não ouves aquella voz cavernosa que brada — ASSASSINO!... VINGANÇA!... (*Repentinamente, voltando-se para todos os lados.*) Quem é? quem é que me chama assassino?! (*Completamente louco.*) Ah! ah! ah! ah! ouro! sangue! (*Deixando o punhal cahir.*) sangue!... ALFREDO! RACHEL!... Ah! ah! ah! ah!
(*Alfredo faz signal ás praças para conduzirem Luiz, que sahê quasi arrastado, dando sempre gargalhadas convulsas.*)

Scena X

OS MESMOS, MENOS LUIZ,
E LOGO DEPOIS J. CAETANO, GENOVEVA,
EVANGELINA E RACHEL.

ALFREDO.

Louco! É o castigo de Deos!

RACHEL.

(*De dentro.*) Alfredo!

ALFREDO.

(*Dirigindo-se para a porta da esquerda baixa.*) Ella!

MAURICIO.

Oh! meu Deos, que tamanho golpe para o meu espirito!

RACHEL.

(*Em scena.*) Alfredo! salva-me! salva-me!

ALFREDO.

(*Abraçando Rachel.*) Oh! sim! serás minha, minha para sempre!

J. CAETANO.

E esta? Já me vem a maldita lagrima.

MAURICIO.

Eu vos abenço, meus filhos! E Deos, que é soberanamente justo, premiou o AMOR d'este, e castigou a INFAMIA d'aquelle!

(*Caha o panno.*)

FIM DO DRAMA.



